

AS ASSOCIAÇÕES DISCURSIVAS SOBRE O NEGRO NA LITERATURA DE CORDEL

Cleber Ferreira Silva (/BOLSISTA/PIBIC/UEPB)

kleberuepb@gmail.com

Maria Suely da Costa (ORIENTADORA/PIBIC/UEPB)

Mscosta3@hotmail.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo folhetos de cordel produzidos no Nordeste cuja matéria literária veicule a representação do negro. O foco está em mostrar que nas temáticas relacionadas à representação do negro e sua cultura estão presentes discursos racistas que contribuem para a estereotipação do negro bem como há produções, feitas por cordelistas negros que reagem a essas posturas discriminatórias, assim a proposta não é somente expor as produções de Cordel, mas analisar os discursos racistas e que os discursos que combatem o racismo, tentando compreender a mudança que há no corpus dos folhetos de Cordel. Para tanto, este trabalho adota uma perspectiva de leitura fundamentada na perspectiva dos estudos de Câmara Cascudo em Literatura popular e nos pressupostos da Análise do Discurso que, fornecem elementos que nos fazem compreender os fatores implicados na relação branco/negro no âmbito social que passa a ser retratado na Literatura. Com base na produção literária de cordel, é possível observar que os ideais de negritude mantêm uma significativa relação com elementos do nosso contexto atual, permitindo assim, o conteúdo educativo que permeia os cordéis, pela interação de múltiplos saberes, permite a construção de concepções a respeito da quebra do racismo nas produções do Cordel, possibilitando a formação de uma consciência que reconhece o negro como um integrante fundamental no cenário social do Brasil, pois muito contribuiu para a nossa formação étnica.

PALAVRAS CHAVES: Literatura de Cordel. Negritude. Discurso. Racismo.

Introdução

Esta proposta de estudo tem por objetivo expor as diversas expressões temáticas da literatura de cordel, produzida no Nordeste e as formas de configuração da representação do negro. O interesse está, mais especificamente, revelando os processos de construção/reconstrução dessa representação nos discursos dos textos da literatura de cordel nordestino, a partir de fragmentos dos textos identificados referentes a temas tradicionais e/ou contemporâneos que tendem a assinalar a visão de uma identidade positiva do negro. Esta investigação se insere no seguinte questionamento: Haveria no cenário contemporâneo da literatura de cordel nordestino uma produção voltada para fatores constitutivos da identidade negra, promovendo práticas discursivas valorizadoras da pluralidade cultural e desafiadoras das discriminações? Até que ponto se poderia afirmar a respeito de uma contribuição da literatura de cordel produzida no Nordeste, de uma forma mais direta, com um discurso voltado para reconhecimento e revalorização do negro? Com efeito, este trabalho investiga uma problemática local que ao mesmo tempo é representativa do sistema cultural brasileiro: os aspectos que definem a representação do negro pelo viés da literatura.

1.1. Aspectos discursivos da Literatura de Cordel

Sabe-se que a literatura popular em verso vem mostrando seu valor e resistência; suas origens iberas e sua estrutura textual, bem como sua qualidade de difusão de informações atestam a sabedoria popular como uma raiz inesgotável de saberes e entretenimentos. No âmbito cultural em que os primeiros cordelistas produziram seus folhetos percebemos que o:

Negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior dotado de uma mentalidade pré-lógica. E, como ser humano toma sempre o cuidado de justificar sua conduta, a condição social do negro no mundo moderno criará uma literatura descritiva dos seus pretendidos caracteres menores. (...) À colonização apresentada como um dever, invocando a missão civilizadora do Ocidente, competia à responsabilidade de levar o africano ao nível dos outros homens. (MUNANGA, 1986, 9)

Haja vista, que este contexto cultural influenciou a produção dos primeiros cordéis encontrados, e também motivou a produção de cordéis que se opõem ao racismo, então podemos afirmar que há duas produções que tratem da temática de etnia, sendo que a abordagem é distinta pelos discursos, assim podemos entender que as primeiras manifestações do negro no cordel eram de um completo preconceito, sendo contornado com as produções mais atuais cujo discurso é declaradamente reacionário ao racismo das produções anteriores, contudo podemos observar que a produção de cordel que possui uma positivação do negro ainda esteja em início e que os poetas cordelistas utilizam as mais diversas formas de divulgar suas produções, ora desde os antigos folhetos com xilogravuras até as impressões com imagens digitais e até mesmo blogs e outros recursos. Mesmo com a utilização dos novos gêneros textuais o cordel ainda se afirma como um dos textos mais acessados ao público e esse acesso torna a nossa análise consistente, pois temos como um do viés de estudo os discursos dos eu-líricos desses folhetos de cordel.

Em virtude dos versos observados podemos afirmar que as questões de etnia perpassam os conceitos de ideologia e identidade e assim temos um instigante plano de contextos a ser explorados nesses textos. Temos na produção do cordel um reflexo da ampla literatura oral e com isso podemos perceber que essas produções passam por muitas mudanças e contribuições diferenciadas, podendo adquirir contextos culturais nos mais diversos, no caso desses textos de cordel nos aponta Júnior:

Os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerras ou viagens ou conquistas marítimas. Mas, ao mesmo tempo, ou quase ao mesmo tempo, também começaram a aparecer no mesmo tipo de poesia e de apresentação, a descrição de fatos recentes, de acontecimentos sociais que prendiam a atenção da população. Antes que o jornal se espalhasse, a literatura de cordel era a fonte de informação; assinala Teófilo Braga que justamente quando começa a disseminar-se o jornal, a literatura de cordel decaía. Isto em Portugal. No Brasil, apesar do jornal, ela continuou em pleno esplendor, talvez só ameaçado em nossos dias com a difusão do rádio transistor e da televisão. (DIÉGUES JÚNIOR apud PROENÇA, 1976, p.28)

Por isso para melhor explorar e buscar dentro dos cordéis as temáticas de interesse foi necessário ir às feiras, casas populares e a biblioteca Átila de Almeida na Universidade Estadual da Paraíba, Campus I em Campina Grande cujo acervo é o maior da América Latina para recolher um número considerável de folhetos para explorar seus discursos com a finalidade de expor a evolução das temáticas antirracistas, mesmo sendo de origem divergente os folhetos cujo discurso é de cunho racista incentivam os poetas populares de agora a produzirem com mais afinco, a fim de derrubar os estereótipos negativos surgidos no passado.

Observamos, por outro lado, que o *interdiscurso enquanto discurso-transverso* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante”, com a formação discursiva assujeitada. Nesse sentido, pode-se bem dizer que o intradiscurso, enquanto “fio do discurso” do sujeito, é a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma “interioridade” inteiramente determinada como tal “do exterior”. (PÊCHEUX, 1988, 167)

Enquanto necessariamente devemos compreender os conceitos acima citados dentro da lógica do cordel. O interdiscurso seria a abordagem contextual dirigida ao leitor dos versos do cordel, ou seja, a mensagem do negro como um ser ruim ou vítima de um preconceito, e o discurso-transverso são os elementos linguísticos e culturais transmitidos pela mensagem do texto e o interdiscurso enquanto pré-construído seria o contexto anterior ao que o sujeito esteja subordinado, no caso dos folhetos seria uma sublimação de uma imagem que desconstrói o racismo em torno de uma imagem que defende o negro, expondo suas dificuldades e resistências como também seu lado lúdico e sua riqueza cultural. Com certeza o trabalho de vários cordelistas passa de uma associação cultural com o viés de mudar as reminiscências de um racismo ainda vigente.

1.2. Folhetos de Cordel: abordagem

A catalogação e análise do *corpus* de estudo, conforme sua forma de circulação: o folheto impresso e publicações virtuais ocorreram da seguinte forma: uma vez identificado os textos que fazem alusão ou trazem uma representação direta do negro, o passo seguinte tem sido na identificação dos sistemas simbólicos quanto à representação do negro. Assim também na fixação da base teórica específica de apoio à discussão, de modo compreender o sistema de significações e de representações culturais atuantes na matéria poética em questão. No processo de pesquisa e coleta do material, fizemos uma primeira leitura dos textos, observando os versos e estrofes no sentido de identificar aqueles que apresentam de forma direta e/ou indireta alguma representação do negro, para desse modo, selecionarmos e catalogarmos as obras em estudo. Vale salientar que nesta pesquisa o interesse se dá não somente pelo texto impresso, mas também veiculados em sites da internet que têm propiciado um maior espaço e dinamismo para a divulgação de trabalhos de grandes e modernos poetas/cordelistas, servindo, assim, como fonte imediata de ampla difusão dessa literatura.

A coleta se deu com uma análise no índice de cordéis nas livrarias e feiras na Paraíba e seguiu por outros estados como em Pernambuco, em seguida a Bahia e o Ceará. Haja vista que a biblioteca Átila de Almeida, ofereceu informações de busca de autores e folhetos que contemplem essa temática. Quando o número de cordéis lido o índice inicial foi de vinte e seis folhetos e com o avançar da análise e leitura foi se descartando os folhetos que não se enquadravam na categoria selecionada sobrando apenas sete folhetos de cordel. Ainda na busca de Web sites ainda nada foi encontrado, haja vista que muitos cordelistas ainda resistem às novas mídias de tecnologia para publicar seus textos. Os textos foram lidos e relidos e passaram por uma seleção de análise estética e temática. Após essa apreciação deu-se a fundamentação histórico crítica cuja atividade foi estudar o enredo de cada cordel em que se verificou que os cordelistas buscaram elementos de natureza factual pra as adaptações líricas nos folhetos.

A quantidade de cordéis encontrados é pouca em virtude da extensão territorial que a pesquisa tomou e da dificuldade de contatar os poetas cordelistas, pois apesar de muitos cordelistas serem afrodescendentes e mestiços filhos de indígenas e de negros muitos ainda persistem em contemplar as temáticas relativas à política, “causos” e denúncia social.

Neste último eixo temático é que se observa vez ou outra um folheto que trate da posituação do negro e do afrodescendente e algo de novo se atesta não há mais no meio dos novos cordelistas a exploração de uma temática de preconceito racial ou exclusão social e sim uma crescente produção de folhetos que tematizam essa importância da luta da resistência do negro, do movimento social negro e da exposição da cultura negra. Assim esta apresentada à lista dos folhetos lidos e identificados, tendo em vista a temática de posituação por causa da pouca produção em comparação com os folhetos de temática racista:

1º *A Galega do Negrão* da autoria de Maria Goldevine, paraibana, que se baseia numa história verídica de uma amiga, Ivonete, que é uma loira que trazia desde berço um bestial racismo contra negros:

O defeito de Ivonete
Era um racismo constante,
Detestava todo negro,
Se achava muito importante
Por ter a tez muito branca
E olho verde, brilhante. (2008, 03)

Porém ela se envolveu com um moço branco, Irapuan, que a fez sofrer e abortar um filho e assim ela foi ao Rio de Janeiro e ao voltar de novo à cidade natal encontrou Idalício que é um negro que cuidou dela e por ela se apaixonou, fazendo-a sua noiva e assim Ivonete aprendeu que o racismo não trouxe a satisfação que pretendia e que um negro a fez feliz e realizada. Como a própria autora enfatiza no posfácio:

Esse cordel realista
Que fala de preconceito
É presente pra IVONETE
Que o merece por direito
Pois vivenciou de peto
Que o racismo é desrespeito. (2008,15)

2º *Peleja do Cego Aderaldo com Zé pretinho do Tucum* (1916) de autoria Firmino Teixeira do Amaral (1886-1926) que era natural de Juazeiro no sertão do Ceará. Esse cordel trata da resistência e de negritude a temática desenvolvida no folheto é de uma contação de uma peleja de cantadores, sendo um negro e o outro cego que teria ocorrido realmente e tomou proporção de “causo”, inspirando o que é o folheto mais antigo que contém um enredo que mostre uma imagem positiva do negro. Segundo o escritor Francisco Ferreira Linhares Aderaldo, o cego, era um andarilho com as feições de um menestrel tipo um Arlequim ou um “João Grilo” e que veio de Belém do Pará para explorar o Nordeste e descobre a seca na região e tenta resistir às condições da seca. Em suas andanças encontra com muitas situações que servem para acalantar o mundo ficcional popular e uma delas é a peleja contra Zé Pretinho, negro cantador que defende a sua etnia, mostrando a qualidade e virtude dela.

Tem muito negro de bem,
Tem muito negro educado,
Tem muito preto decente
Sabido e civilizado;
São Benedito era preto
Porém foi santificado. (1916, 16)

A peleja é arisca para os cantadores e mesmo a vitória do cego chegue a culminar a derrota de Zé Pretinho há, por parte do cego Aderaldo, uma singela estrofe em que afirma repudiar o racismo:

São pretos somente a pele,
Mas o espírito é bondoso.
Corretos e muitos decentes,
De coração amoroso;
Pimenta do Reino é preta
Mas faz um comer gostoso. (1916,16)

3º *Discutindo a lei 10.639 na sala de aula* do baiano cordelista e professor Antônio Carlos de Oliveira Barreto, natural de Santa Barbara e residente na capital do estado, além deste folheto são dele: *Detalhes da escravidão em Casa Grande e Senzala; Mestre Bimba capoeira, vida e emoção e Zumbi símbolo de Liberdade.*

Os temas variados revelam uma preocupação com o racismo e o autor trabalha as condições de educação à resistência e divulgação da cultura afro, entretanto a estrofe do folheto *Discutindo a lei 10.639 na sala de aula* passa a ser destacado por haver em seus versos o que há de mais atual sobre resistência ao preconceito e de ainda contemplar o discurso de oposição ao preconceito racial:

Então cabe à escola
No currículo adotar
A Cultura Africana
E a todos ensinar:
A riqueza que possui
Esse povo exemplar. (2007, 04)

O fragmento é do folheto em que trata da lei que garante o ensino da diversidade étnico-cultural nas escolas brasileiras. T tamanha preocupação em expor tal temática mostra que o autor é sensível a importância da educação no combate as discriminações.

4 °A *grande cantoria de Inácio da Catingueira* de Medeiros Braga cujo enredo trata de uma peleja em que há o reconhecimento do talento e da virtude do negro e que essa situação de reconhecimento mostra uma postura não racista, mas igualitária que rompe com a contribuição histórica social de que o negro é inferior ao branco e que é incapaz de ser virtuoso e talentoso. Ou seja, a cultura popular já enfatiza um direito universal muito defendido pelo movimento negro e pelos intelectuais que trabalham essa negritude:

Negro, eu vou te pedir,
Vamos deixar o passado,
Esquecer quem foi cativo,
Que nos dá mais resultado.
Acabar a discussão
Esquecer todo o atrasado. (BRAGA, 2010, p.25)

Esses quatro folhetos ilustram não somente uma defesa ao negro, mas criticam os brancos por tentarem apagar as contribuições culturais que os afrodescendentes nos fornecem, contribuindo para a formação de um novo contexto em que haja uma aceitação as diferenças de raça ou de quaisquer naturezas.

A posição que os versos nos inspiram é antes de qualquer coisa ideológico. No primeiro a resistência de Ivonete em casar em casar com um negro a deixa em uma situação cujo desfecho é o abandono de seu noivo branco e uma reconstrução de vida nos braços de um negro que antes era o objeto de sua versão, podemos observar que o eu lírico combate o racismo através da exposição da experiência particular de uma pessoa próxima, portanto temos a formação discursiva que Pêcheux sugere como uma incorporação de uma nova perspectiva ideológica.

A temática de peleja ou disputa bem trabalhada nos folhetos de Firmino e Medeiros Braga pode adquirir uma significação social, quando os eu líricos remetem briga ou disputa entre dois homens de cores opostas logo se constrói a romântica ideia de bem contra o mal e nada mais trabalhado que associar ao negro tudo que não é aceitável a condição humana e tudo que é positivo ao branco, sendo este o guia do negro a uma possível regeneração de personalidade, segundo Fairclough:

Isso é compreendido em termos especificamente semânticos: as palavras “mudam seu sentido de acordo com as posições de quem as ‘usa.’” (Pêcheux) Além disso, embora duas diferentes formações discursivas possam ter determinadas palavras ou expressões em comum, as relações entre essas e outras palavras e expressões diferirão nos dois casos, e assim também diferirão os sentidos dessas palavras ou expressões partilhadas, porque é sua relação com as outras que determina seu sentido. (2008, 53)

Sendo as situações de disputa onde se constrói a segurança social de um ser através das suas habilidades no canto como também o rebaixamento de outro perante a superação de seus talentos, sendo esta a motivação de que o negro precisa para revelar sua condição de apto a ser bem equivalente ao branco podemos situar que o conjunto de práticas culturais também constrói uma ideologia que pode ser capaz de romper os preconceitos que também foram construídos com a finalidade de inferiorizar os de pele negra por sua condição de ex-escravo e de outras atribuições como nos apresenta (PÊCHEUX, 1988, 131):

Dessa forma, o domínio teórico de nosso trabalho se encontra definitivamente determinado por três regiões interligadas, que designaremos respectivamente, como a *subjetividade*, a *discursividade* e a *descontinuidade ciências/ideologias*.

Então podemos identificar como subjetividade a intenção do autor do cordel em positivar o negro e a discursividade é os meios estilísticos de como ele faz para desconstruir os preconceitos, procurando revelar inúmeros contextos e ou situações para isso, e seria afinal a descontinuidade seria a repercussão ideológica e o impacto que causa essa desconstrução no meio social. Com este sistema podemos averiguar o alcance da formação discursiva que se baseia nessa cadeia de transportar conceitos e informações com objetivos próprios de um emissor para que haja uma mudança em tal situação a partir da reflexão causada por suas afirmações, nesse caso a reação ao racismo e como um dos aspectos discursivos, temos o cordel e como descontinuidade de ideologias temos a intenção do cordelista em questionar o racismo.

No folheto *Discutindo a lei 10.639 na sala de aula* podemos observar que o autor utiliza um recurso externo e de grau impactante como a lei para orientar o leitor sobre sua intenção, assim observamos o metadiscorso cuja propriedade está, conforme Fairclough (2008,157) em:

Uma forma peculiar de intertextualidade manifesta em que o(a) produtor(a) do texto distingue níveis diferentes dentro de seu próprio texto e distancia a si próprio(a) de alguns níveis do texto, tratando o nível distanciado como se fosse um outro texto.(...) O metadiscorso implica que o(a) falante esteja situado cima ou fora de seu próprio discurso e esteja em uma posição de controlá-lo e manipulá-lo.

Essa situação é bem sentida no folheto citado cuja abordagem esta na relação que o cordelista propõe entre a lei que insere o ensino de cultura afro-brasileira no âmbito escolar a fim do mesmo cordelista revelar sua verdadeira intenção: reagir contra o racismo de uma forma que seu metadiscorso haja numa proposta pedagógica e lúdica, efetivando sua real intenção antirracista, assim podemos entender que os recursos linguísticos e discursivos estão sendo bem utilizados pelos poetas populares como recurso de desconstruir o preconceito que os assola.

Conclusões

Podemos então entender que o processo de desconstrução de um antigo contexto cultural pode ser efetivo através dos discursos de pessoas das mais diversas naturezas, podendo compreender das massas até os intelectuais eruditos que compõem a sociedade acadêmica, enfim não importa de onde possa surgir o que realmente podemos compreender que os meios discursivos do cordel podem alcançar um dinamismo não esperado, haja vista que muitos desconsiderem a repercussão desses versos por causa de sua origem rústica e de ser seu público leitor formado de pessoas simples, mas sabemos que as abordagens conseguem atingir de forma lúdica ou interativa o cotidiano de seus leitores, criando a atmosfera ideal para concretizar os objetivos do cordelista/ emissor. Contudo, é necessário perceber que isto reflete uma mudança no quadro tradicional do cordel e acreditamos que essa reviravolta seja fruto dos movimentos sociais que sensibilizaram os autores contemporâneos e estes tomaram gosto pelo tema expandindo-o com publicações e estudando-os para a composição de novos folhetos. Embora nos gêneros digitais o fluxo de textos de cordel, ainda seja desconhecido, no que se diz respeito a Nordeste se procura sondar este meio para melhor compreender seu dinamismo. Podemos então entender que o fenômeno literário seja capaz de realizar muitas mudanças em diversos campos de atuação, consolidando sua ação social.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Átila; ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba/ Editora Universitária, 1978.

ALVES SOBRINHO, José. *Cantadores, repentistas e poetas populares*. Campina Grande: Bagagem, 2003.

BANCO DO NORDESTE. *LITERATURA DE CORDEL*. Antologia. 3ª Edição. Fortaleza CE: Editora do Banco do Nordeste, 1994.

BARRETO, Antonio Carlos de Oliveira. *Discutindo a lei 10.639 na sala de aula*. Salvador BA: Edições Akadicdikum, 2007.

_____. *Detalhes da escravidão em Casa Grande e Senzala*. Salvador BA: Edições Akadicdikum, 2007.

_____. *Mestre Bimba capoeira, vida e emoção*. Salvador BA: Edições Akadidikum, 2011.

_____. *Zumbi símbolo de Liberdade*. Salvador BA: Edições Akadidikum, 2008.

BRAGA, Medeiros. *A grande cantoria de Inácio da Catingueira e Romano mãe d'água*. Mossoró RN: Editora Queima Bucha, 2010.

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Trad. Marta kirst. Porto alegre: Mercado Aberto, 1983.

CAMPOS, Carneiro Renato. *Ideologia dos poetas populares do Nordeste*. 2. ed. Recife: FUNARTE, 1977.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. "Ciclos temáticos na Literatura de cordel". In. *Literatura Popular Em Verso*. Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução, revisão e prefácio Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

GOLDEVINE, Maria. *A Galega do Negrão*. Campina Grande/PB: Editora Campigraf, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA; SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC/SEPPPIR, 2005.

_____. *Negritude: Usos e sentidos*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso uma crítica à afirmação do Óbvio*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1988.

PIMENTEL, Altamar de Alencar; FECHINE, Francisca Neuma. *Bibliografia paraibana de folclore e literatura popular*. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 2003.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do cordel*. Rio de Janeiro: Editora imago, 1976.